

Deve haver essa sombra
germinado pelo chão
para as doze cestas
de tristeza rente à mão.
Deve haver essa sombra
como no início contida
contra o salitre carco-
mindo a rota antiga.

Deva haver essa sombra
(sósia do que é distante)
para a máscara que me
coincide a todo instante,
e esse tropel imenso
de renúncias nuas de vida:
choram os olhos e antes de
mim a ilha impertencida.

Deve haver depois do exílio
juntos, júbilo e frutos,
aos vales indo sob o gasto
mistério indissolutos.
Dói-me a doce luta
de um passo sôbre passos,
desnudez pastoril de quem
oferece apenas o cansaço.

Como delinear a sombra
donativa, surda solidão,
se em tórno a mim pervaga
pressentida juba de leão?
e essa órbita de sangue
em Inconstante perspectiva,
raiz correndo para o vale
onde a seiva é tua medida.

Foi sofrendo que eu cheguei
(na bôca o cheiro das resinas).
É difícil de contar se por
obra da estrêla matutina.
Quarenta dias quarenta
noites — eis a estrada:
nas mãos os velhos cestos,
passo lento para a madrugada.

CANTO SÉTIMO

Oscar Bertholde